

Resenhas

Penser la Trivialité. Volume 1: la vie triviale des êtres culturels

Yves Jeanneret

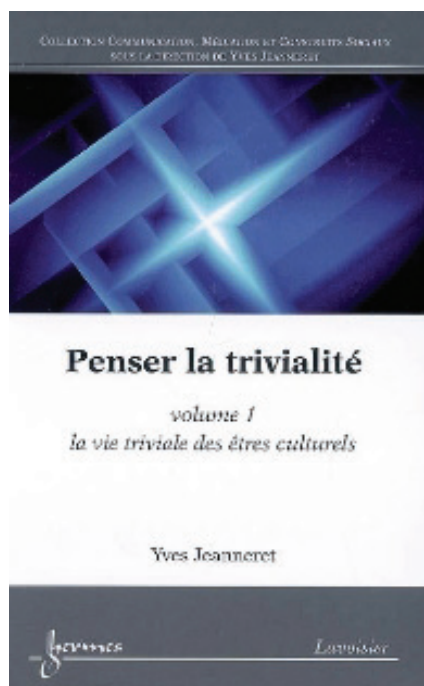
DOI: 10.3395/receis.v3i3.296pt

Icléia Thiesen

UNIRIO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
icleiathiesen@gmail.com

Yves Jeanneret é professor de Ciências da Informação e da Comunicação na *Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse*, onde é membro do Laboratório de Pesquisa Cultura e Comunicação. Com formação em Letras Clássicas na *Ecole Nationale Supérieure (ENA)*, suas pesquisas estão voltadas para a circulação dos saberes e dos objetos culturais na sociedade, no âmbito da qual se dão as transformações da escrita e das mídias. No percurso de sua carreira, Jeanneret vem analisando as formas e expressões da cultura trivial, isto é, os modos pelos quais os saberes circulam na sociedade, tornam-se objeto de reescrituras, de apropriações e de controvérsias. Tal questão diz respeito à difusão e ao reconhecimento das obras publicadas, à vulgarização e à comunicação do conhecimento científico, bem como à produção de categorias políticas pelos discursos das mídias, enfatizando a convicção de que as ciências da informação e da comunicação, bem como as demais ciências humanas precisam recorrer à história, “pois não se pode compreender a atualidade sem examinar o passado”. Apontando as ideologias e modos de comunicação, o autor analisou em *Y-a-t-il (vraiment) des Technologies de l'information?* publicado em 2000 e 2007 (1ª e 2ª edição, respectivamente), questões suscitadas pelas relações entre objetos, textos e práticas.

Penser la trivialité: la vie triviale des êtres culturels constitui o primeiro volume de um projeto mais amplo e está estruturado em cinco capítulos, sendo que cada qual constitui uma reflexão própria às questões específicas formuladas pelo autor, em torno do que denominou de *trivialidade*, uma categoria descritiva. Para além de um sentido pejorativo comumente atribuído ao termo,



**Paris: Éditions Hermès-Lavoisier,
2008, 267 p.**

ISBN 978-2-7462-1878-9

Jeanneret o utiliza conforme a etimologia que, do latim *trivium*, significa *cruzamento*.

Trata-se de lançar luz sobre os *seres culturais* – as idéias e os objetos - que são apropriados e transformados nas práticas sociais. Entre os objetos privilegiados pela sua análise, encontram-se os textos e suas representações, cuja circulação “entre as mãos e os espíritos dos homens”, os enriquece e os transforma atravessando os espaços sociais. É nesse percurso que os seres se tornam culturais. A *trivialidade*, segundo o autor, “consiste em se representar a circulação de idéias e objetos como uma espécie de marcha progressiva dos seres culturais através dos cruzamentos da vida social” (p.14).

O destino trivial desses objetos e idéias se dá pela sua apropriação em sociedade, quando eles passam a carregar valores atribuídos por seu estatuto cultural. Trata-se, assim, de uma propriedade que caracteriza todos os fenômenos de troca cultural, “mesmo que ela se manifeste particularmente em certas esferas” (p.15). Cuidadoso com o uso das categorias, Jeanneret trata de defini-las detidamente. A cultura é entendida como uma atividade que elabora seus recursos graças à comunicação e esta última constitui também uma atividade que não se limita a transmitir o social, mas que o engendra.

Como um desvio de sentido da conhecida assertiva de Lavoisier, três são as hipóteses definidas mutuamente e que norteiam a estruturação do livro: (1) *Tudo se opera* uma vez que o homem trabalha a matéria, constrói objetos e concebe técnicas no sentido de elaborar sua cultura; (2) *Tudo se cria* a partir dos processos de apropriação dos objetos, abrindo-se novos espaços simbólicos, outros sentidos e elos; (3) *Tudo se transforma*, pois a reconstrução dos objetos e de suas formas é o que faz a cultura.

É nesse horizonte que as noções de trivialidade e seres culturais se colocam, para serem analisadas nos atos de comunicação, onde uma pressupõe a outra. A comunicação não será nem instrumentalizada, nem menosprezada no decorrer da obra, mas será sim entendida como a criação de recursos e situações que os homens necessitam realizar, confrontando-se uns com os outros enquanto produtores de sentido. Comunicação é um “processo presente em todos os domínios da atividade social” (p.20).

As questões problematizadas nos cinco capítulos que compõem o livro constituem reflexões acumuladas ao longo das pesquisas realizadas pelo autor, em sua trajetória, mas não apenas. Jeanneret recupera trabalhos de doutorandos, não apenas porque foram construídos em profundidade, mas também porque foram essenciais para a definição de questões estruturantes discutidas em cada parte da obra.

O primeiro capítulo, intitulado *Propagar, transmitir, reproduzir, três figuras da circulação de idéias*, trata da circulação de idéias a partir de três correntes. A filosofia social do elementar, de Gabriel Tarde, da qual o autor problematiza a noção de *propagação*. A midiologia analisada a partir dos *Cahiers de Médiologie* permite trabalhar a noção de *transmissão* e verificar em que medida ela dialogaria com a trivialidade. Já a semiótica alimenta as discussões a partir da idéia de *reprodução*.

Transcrever e transformar, as disciplinas do arquivo constitui o segundo capítulo, em que o autor analisa questões centradas nos objetos, gestos e técnicas onde se inscrevem os seres culturais, em processos de transcrição, conservação e transformação, constituindo a materialidade da memória em construção. Aqui a noção de arquivo toma importância principalmente nas discussões que dizem respeito ao conceito de trivial, refletido na dinâmica histórica das práticas e no mundo dos objetos. A *arqueologia* de Michel Foucault ajuda a problematizar a *inscrição* e a *reescrita* enquanto elementos que contribuem para pensar a trivialidade e as relações de saber e poder que lhe são pressupostas.

A *policresia dos seres culturais, uma poética social em tensão* dá nome ao terceiro capítulo do livro. Ali são tratadas, a partir de um neologismo, a circulação social das produções culturais e suas transformações, bem como os múltiplos usos dos objetos e sua instabilidade no plano da cultura, segundo uma análise sócio-antropológica. Três posturas teóricas conduzem a análise e a discussão sobre a abordagem comunicacional dos seres culturais, a partir dos olhares de Daniel Dubuisson (ponto de vista poético), articulando heterogeneidade e textualidade; de Michel de Certeau (ponto de vista da polemológico), ressaltando a divergência e a descontinuidade das práticas culturais, para afirmar sua conflitualidade criativa; de Roland Barthes (ponto de vista semiológico), a sobre-determinação das formas significantes, ao enfatizar “a impossibilidade de circunscrever estritamente o espaço e o tempo da comunicação” (p.87).

A *cibernética do imperfeito, objetos mediatizantes e processos de comunicação* constituem o quarto capítulo onde são discutidos os processos de comunicação heterogêneos e descontínuos, que são mediatizados por objetos e dispositivos, questão central para uma reflexão teórica sobre a trivialidade. A “cibernética do imperfeito”, expressão emprestada de Bruno Ollivier, refere-se a processos que não são jamais certos. As tensões entre logística e semiótica são retomadas nesse capítulo, para discutir a interação mediatizada pelos objetos.

O quinto e último capítulo, denominado *O simbólico, o popular e o público, a trivialidade como valor* volta à questão central que dá título ao livro. A partir dessas três categorias estruturantes, Jeanneret discutirá a construção das normas do trivial que levam à sua valorização ou à sua estigmatização, já que as práticas de comunicação produzem representações tanto no plano imaginário, quanto no plano normativo. As noções de patrimônio e de patrimonialização são discutidas segundo uma abordagem comunicacional, pois “o discurso sobre o valor da trivialidade habita de fato a identidade social do patrimônio, enquanto ideologia corrente, mas também como ingrediente da própria patrimonialização” (p.189). É a figura do simbólico como valor. O popular é analisado a partir das noções de divulgação, vulgarização e difusão. O público dialoga com a concepção de trivialidade a partir da idéia de tornar visíveis os objetos e pressupõe uma pluralidade de significados.

Ao finalizar seu percurso sobre a vida trivial dos objetos culturais, uma viagem de volta às questões “clássicas” das ciências sociais, o autor lembra que a noção de trivialidade é um esforço de reescrita da questão da informação-comunicação, entre outras possíveis. Propõe sete princípios metodológicos para suscitar discussões, seja como conclusão, seja como recomeço. Trata-se de uma obra de leitura complexa, densa e instigante, que nos convida a discutir e a introduzir o trivial como um conceito a ser revisitado pelos pesquisadores interessados em problematizar a comunicação científica, a história do livro e da leitura, o arquivo e o museu como insti-

tuições de saberes e lugares de práticas de reescrita, de enunciação coletiva.

O livro introduz questões relevantes no campo da informação e da comunicação para o público de pesquisadores e estudantes, constituindo uma contribuição teórico-epistemológica aos estudos da Ciência da Informação e da Comunicação no Brasil. A promessa de um novo volume sobre as economias da trivialidade, de cunho mais empírico é anunciada pelo autor. A dimensão política dos modos de dominação sobre o circuito social dos seres culturais constituirá sua questão central. 